

O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA EM COMUNIDADES SATERÉ-MAWÉ

Dulce do Carmo FRANCESCHINI
Universidade Federal de Uberlândia
dukini2001@yahoo.com.br

Denize de Souza CARNEIRO
Universidade Federal de Uberlândia
dchiaretta@hotmail.com

José de Oliveira dos S. da SILVA
Organização dos Professores Indígenas Sateré-Mawé dos rios Andirá e Waikurapá
josesatere@yahoo.com.br

Resumo: Neste artigo apresentam-se dados relativos à situação em que se encontra o ensino da Língua Portuguesa no Ensino Fundamental I em escolas de comunidades sateré-mawé que se localizam no Waikurapá, subregião da área indígena sateré-mawé localizada no município de Parintins, Amazonas. Além da subregião do Waikurapá, fazem parte do território sateré-mawé, as subregiões do Marau-Urupadi, município de Maués, e a do Andirá, município de Barreirinha, ambos no Estado do Amazonas. Neste artigo abordaremos, além da formação dos professores, a questão da metodologia e do material didático empregado pelos professores indígenas no ensino de Língua Portuguesa, a situação sociolinguística dos alunos quanto ao domínio da Língua Portuguesa e da língua materna, bem como a atitude e comportamento linguísticos dos professores e alunos quanto ao uso do português e da língua materna.

Palavras-chave: Ensino de Língua Portuguesa, comunidades indígenas, os sateré-mawé.

1. Introdução

Este artigo tem por finalidade apresentar dados relativos ao ensino de Língua Portuguesa em comunidades do rio Waikurapá, subregião da área indígena sateré-mawé localizada no município de Parintins, no Amazonas. Pretende-se também apresentar algumas reflexões sobre a prática pedagógica dos professores indígenas participantes da pesquisa. Esta pesquisa foi realizada através da aplicação de questionários¹ respondidos por quatro dos seis professores indígenas que atuam no Ensino Fundamental I em comunidades indígenas situadas na subregião pesquisada – o Waikurapá.

Antes de abordarmos a questão do ensino de Língua Portuguesa nas escolas pesquisadas, apresentamos alguns dados geográficos, populacionais e sócio-educacionais do povo sateré-mawé e, mais especificamente, da subregião onde foi realizada a pesquisa de campo.

1.1. Localização e população

Os Sateré-Mawé vivem na Terra Indígena (T.I.) Andirá-Marau, situada na região do Médio rio Amazonas, na divisa dos estados do Amazonas e do Pará. Esse território compreende 788.528 hectares de terras contínuas que pertencem geograficamente a três municípios do Amazonas – Maués, Barreirinha e Parintins - e dois do Pará - Itaituba e Aveiro

¹ A pesquisa de campo foi feita pelo professor indígena José de Oliveira dos Santos da Silva, que atua na região do rio Andirá e que é um dos autores deste artigo.

e Waikurapá. Os 1.818 alunos se distribuíam entre a pré-escola: 172 alunos, e o Ensino Fundamental: 1.646 alunos, sendo que a maioria cursa o Ensino Fundamental I.

Na região do Andirá (Barreirinha-AM), lecionavam cerca de 100 professores para um total de 2.077 (dois mil e setenta e sete) alunos matriculados em 2011. A maioria destes alunos frequentam o Ensino Fundamental I, 1.698 alunos; na pré-escola eram 300 alunos e na creche foram matriculados 79 alunos.

Já na região do Waikurapá (Parintins-AM), 14 professores lecionam em escolas municipais para 342 (duzentos e oitenta e um) alunos, assim distribuídos: creche, 18 alunos; pré-escolar, 54 alunos; Ensino Fundamental I, 206 alunos e Ensino Fundamental II, 64 alunos².

Vejamos o quadro abaixo:

Etapa de ensino	Nº de alunos Waikurapá (2012)	Nº de alunos Andirá (2011)	Nº de alunos Marau-Urupadi (2011)
Creche	18	79	00
Educação Infantil	54	300	172
1º a 5º ano (multisseriado)	206	1698	1.646
6º a 9º ano (seriado)	64	Sem informação	Sem informação
TOTAL	342	2.077	1.818

Quadro 1: Número de alunos matriculados na área indígena

O segundo segmento do Ensino Fundamental (6º a 9º anos) está começando a ser implantado na área indígena e ainda não atende a toda demanda Sateré-Mawé. Essa situação faz com que os jovens partam para as cidades mais próximas para dar continuidade aos seus estudos. Poucas turmas de 6º a 9º ano foram implantadas na área indígena e, devido à falta de professores indígenas com formação para atuar nessas séries, foram contratados pela SEDUC/AM (Secretaria de Educação do Estado do Amazonas) professores que atuavam anteriormente no Ensino Fundamental I e alguns professores não indígenas. Estes professores não receberam, no entanto, nenhuma orientação pedagógica, o que tem levado o rendimento escolar nessas séries a resultados bastante negativos. Quanto ao Ensino Médio, embora a demanda seja grande, o mesmo ainda não é oferecido na região do rio Andirá e nem na do rio Marau-Urupadi. Na região do rio Waikurapá foi implantado pela Secretaria de Educação do Estado do Amazonas o Ensino Médio chamado, na região, de Tecnológico, que é, na verdade, um curso à distância para o qual é utilizada a tecnologia – televisão-computador. Quanto à formação dos professores indígenas³, 03 fizeram um curso universitário modular pedagógico (Proformar), 38 uma Licenciatura em Ciências Naturais; 103 o Magistério Indígena (Ensino Médio) oferecido pela SEDUC/AM; 36 o Ensino Médio completo em Parintins e 14 em Maués, e 33 têm apenas o Ensino Fundamental. Vejamos o quadro abaixo:

Formação	Nº de professores
Ensino Fundamental	33
Ensino Médio Acadêmico	50
Ensino Médio – Magistério Indígena	103
Licenciatura em Ciências Naturais	38
Licenciatura em Pedagogia - PROFORMAR	03
TOTAL	227

Quadro 2: Formação dos professores indígenas em 2009

² Dados relativos ao ano de 2012 obtidos com o professor Edinelson Monteiro, coordenador das escolas do Waikurapá.

³ Dados obtidos junto às Secretarias de Educação dos municípios de Maués, Barreirinha e Parintins, através da Organização dos Professores Indígenas (OPISMA).

A necessidade de formação específica e diferenciada de um número maior de professores, principalmente para atuar nos segmentos mais adiantados do Ensino Fundamental, a implantação de mais turmas de 6º a 9º anos e do Ensino Médio na área indígena, a construção-reflexão do Projeto Político Pedagógico das escolas sateré-mawé, associada a uma prática pedagógica condizente e a construção de material didático próprio são necessidades urgentes do povo sateré-mawé. Pois, apesar da legislação vigente dar aos indígenas o direito de escolherem seu modelo educacional e ensinarem sua língua e etnoconhecimentos, na maioria das escolas das comunidades sateré-mawé, o modelo educacional adotado não se diferencia muito do modelo das escolas rurais da região, sendo que a língua e os etnoconhecimentos indígenas não constituem, de fato, conhecimentos que fazem parte do programa educacional e que são trabalhados de forma sistemática na escola.

Outro fator que atua negativamente sobre a educação indígena é sua má gestão. Vejamos como está organizada. A administração da educação indígena – creche, pré-escola e Ensino Fundamental - nos municípios de Maués, Barreirinha e Parintins é feita pelas respectivas secretarias de educação. Em cada uma dessas secretarias foi criado um setor de educação indígena, sendo que esses setores são compostos por um coordenador geral e supervisores pedagógicos, a maioria deles professores indígenas.

Em Maués e Barreirinha, redutos eleitorais dos políticos locais, a escolha dos professores, coordenadores e supervisores, embora indicada pelo povo, passa pela aprovação do prefeito local, via secretário de educação. Ao assumir o cargo de coordenador ou supervisor, o professor indígena deve submeter-se às orientações políticas do prefeito, as quais são feitas através dos seus secretários de educação. Coordenadores e supervisores que não seguem as orientações do prefeito perdem seus cargos, e com o cargo, o salário. Professores críticos, principalmente os que questionam sobre os recursos educacionais: merenda escolar insuficiente e de má qualidade, falta de material escolar, escola sem condições de ensino etc., também são destituídos de suas funções e podem não ser mais contratados pela prefeitura, pelo menos enquanto durar a gestão do prefeito que os destituiu. Pode-se considerar, portanto, que um dos principais fatores responsáveis pela má qualidade da educação escolar sateré-mawé é a submissão da educação indígena aos políticos locais eleitos.

Também tem forte influência sobre a educação escolar indígena, o preconceito existente na sociedade local, que desvaloriza os indígenas e seus costumes. Esse preconceito é assimilado por muitos indígenas, principalmente por aqueles que têm mais relações com os não indígenas, e acaba interferindo na prática pedagógica desses professores, que têm uma forte resistência ao ensino da língua indígena e dos conhecimentos e práticas tradicionais na escola.

2.1 Educação formal no Waikurapá

Nas seis comunidades do rio Waikurapá atuam 14 professores em escolas municipais que atendem 342 alunos, sendo que apenas 281 aparecem no Censo Escolar do FNDE (2012). Funcionam nessa subregião, quatro turmas de educação infantil – creche (18 alunos) e pré-escola (54 alunos), nas comunidades Nova Alegria, São Francisco, Vila da Paz e Vila Batista; seis turmas do Ensino Fundamental I – 1º a 5º ano multisseriado, uma em cada comunidade com um total de 206 alunos; e quatro turmas do Ensino Fundamental II, sendo uma do 6º ano, uma do 7º ano, uma do 8º ano e uma do 9º ano, todas na comunidade Nova Alegria. Nas quatro turmas do Ensino Fundamental II foram matriculados 64 alunos em 2012⁴.

Além do Ensino Fundamental II oferecido pela Secretaria Municipal de Educação (SEMED) de Parintins, que é presencial, é oferecido pela SEDUC, na comunidade Vila

⁴Dados fornecidos pelo coordenador das escolas do rio Waikurapá, o professor Edinelson Monteiro.

Batista, o Ensino Fundamental II à distância, chamado pelos indígenas de tecnológico por ser via televisão-computador. Também é oferecido o Ensino Médio acadêmico à distância, pela SEDUC/AM, nas comunidades Vila Batista e Nova Alegria. Nesses cursos à distância, as aulas são assistidas na televisão-computador, e um assistente do professor ausente responde aos questionamentos dos alunos. Esse tipo de ensino tem sido muito criticado pelos indígenas, uma vez que as aulas acabam sendo apenas via computador, já que os assistentes, assim como os alunos, apenas assistem às aulas, e pouco estimulam a reflexão dos alunos. No entanto, embora critiquem, os indígenas aceitam este tipo de ensino. Segundo o coordenador dos professores da área do rio Waikurapá, o professor Edinelson Monteiro, isso se deve ao fato dos indígenas ficarem fascinados com a tecnologia e não avaliarem a qualidade do ensino oferecido.

Quanto ao material didático utilizado nas escolas municipais do Waikurapá, esse não se diferencia do usado na cidade. Os mesmos livros são entregues a todos os professores do município.

Abaixo apresentamos os resultados da pesquisa que realizamos com quatro dos seis professores do Ensino Fundamental I da subregião do Waikurapá. Os professores participantes responderam a um questionário que compreendia questões referentes à sua formação, situação sociolinguística dos professores e dos alunos e ensino de Língua Portuguesa.

2.2 Formação dos professores do Ensino Fundamental I

De acordo com dados obtidos através de pesquisa de campo, a maioria dos professores que lecionam no Ensino Fundamental I na subregião do Waikurapá não recebeu uma formação adequada e específica para atuar nas séries iniciais do Ensino Fundamental. Nenhum dos professores cursou o Magistério Indígena – Ensino Médio, curso oferecido pela SEDUC/AM, desde 1995, aos professores indígenas sateré-mawé.

Dos quatro professores entrevistados, apenas um está recebendo formação pedagógica para um ensino diferenciado, os demais não receberam formação específica, conforme ilustra o quadro abaixo:

Professores	Escolaridade
Professor 1 – Indígena	Ensino Fundamental
Professor 2 – Indígena	Ensino Médio
Professor 3 – Indígena	Ensino Superior em andamento – Pedagogia Intercultural
Professor 4 – Não Indígena	Ensino Superior em andamento – Geografia

Quadro 3: Formação dos professores do Waikurapá

Observa-se no quadro acima que um desses professores não é indígena – professor 4; esse professor tem 62 anos e está cursando uma licenciatura em geografia modular que é oferecida no período das férias escolares. Este curso, no entanto, não contempla a especificidade da educação indígena e não tem como objetivo formar professores para o Ensino Fundamental I multisseriado.

Os demais professores são indígenas. O professor 1 é um senhor de 62 anos, cuja formação é apenas o Ensino Fundamental II, sendo que até o momento não participou de nenhum curso voltado para uma educação contextualizada à realidade indígena; o professor 2 é um jovem de 23 anos que cursou o Ensino Médio acadêmico em uma escola estadual da cidade de Parintins e, como o anterior, não possui formação específica em educação indígena.

Quanto ao professor 3, um jovem de 27 anos, é o único que está recebendo uma formação específica e diferenciada, pois está cursando uma licenciatura em Pedagogia Intercultural Indígena; este é um curso à distância que é oferecido pela Universidade do

Estado do Amazonas (UEA) aos professores indígenas do Amazonas que atuam no ensino básico.

3. Situação sociolinguística dos professores e alunos

3.1 Situação sociolinguística dos professores

No repertório linguístico dos professores entrevistados, constatou-se que todos possuem domínio da Língua Portuguesa (LP), com fluência nas habilidades de fala, leitura e escrita.

Quanto à Língua Sateré-Mawé⁵ (LSM), constatou-se que esta ainda faz parte do repertório linguístico dos três professores indígenas, ou seja: dos professores 2 e 3 originários do rio Andirá (município de Barreirinha) e do professor 1, originário do rio Waikurapá (município de Parintins). Os professores (2 e 3) originários de comunidades do Andirá, são considerados *bilíngues ativos*⁶ em Sateré-Mawé/Português, pois afirmam entender, falar, ler e escrever nas duas línguas. Já o professor 1, este é considerado *bilíngue passivo* em Sateré-Mawé, pois afirma saber muito pouco sobre sua língua, ou seja, não possui um bom domínio das modalidades de fala, leitura e escrita nesta língua, porém ainda entende “um pouco” e consegue falar algumas frases. Por sua vez, o professor 4, por não ser indígena afirma não possuir nenhuma das modalidades da Língua Sateré-Mawé em seu repertório, sendo, desse modo, monolíngue em Português. Vejamos o quadro abaixo:

REPERTÓRIO E HABILIDADES LINGUÍSTICAS							NÍVEL DE MONO ou BILINGUISMO
Professores	Língua Sateré-Mawé			Língua Portuguesa			
	Fala	Lê	Escreve	Fala	Lê	Escreve	
Prof. 1: Indíg.	Sim /Pouco	Sim/ Pouco	Sim/Pouco	Sim/bem	Sim/bem	Sim/bem	Bilíngue ativo em LP e Passivo LSM
Prof. 2: Indíg.	Sim/bem	Sim/bem	Sim/bem	Sim/bem	Sim/bem	Sim/bem	Bilíngue ativo em LP e LSM
Prof.3: Indíg.	Sim/bem	Sim/bem	Sim/bem	Sim/bem	Sim/bem	Sim/bem	Bilíngue ativo em LP e LSM
Prof. 4: Não-Indígena	Não	Não	Não	Sim/bem	Sim/bem	Sim/bem	Monolíngue em LP

Quadro 4: Habilidades linguísticas dos professores

É importante ressaltar que, embora esses professores afirmem ter domínio em todas as habilidades da Língua Portuguesa, é possível constatar muitos problemas na sua expressão escrita, ou seja, notamos grande dificuldade dos professores em escrever em português e, em alguns casos, dificuldade em apresentar uma resposta compreensível às informações solicitadas sobre a prática em sala de aula, evidenciando, assim, o pouco domínio que têm da Língua Portuguesa.

Quanto à língua indígena, embora ainda faça parte do repertório linguístico de todos os professores sateré-mawé entrevistados, esta não é muito trabalhada na escola formal. Há uma preferência pelo ensino do português, sendo que ao se indagar sobre isso, apenas um

⁵A Língua Sateré-Mawé foi classificada por Aryon D. Rodrigues (2002, p.41-46) como único membro da família linguística de mesmo nome pertencente ao Tronco Tupi.

⁶De Heredia (1989) classifica o bilinguismo individual em: *bilinguismo ativo e bilinguismo passivo*. Numa situação de bilinguismo ativo, os indivíduos não só compreendem as duas línguas de seu repertório linguístico, como as falam. Já na situação de bilinguismo passivo, os indivíduos compreendem as duas línguas de seu repertório linguístico, mas falam apenas uma, seja por não saber falar (só compreender) ou por se recusar a falar, como é o caso de muitos indígenas, que devido à supervalorização da língua majoritária e de prestígio, recusam-se a falar a sua língua de origem, considerada inferior.

professor manifestou parecer favorável ao ensino da língua materna ao lado do português, conforme ilustra o quadro abaixo.

Atitude linguística	
Professor 1 – Indígena	Atitude mais favorável ao ensino do português
Professor 2 – Indígena	Atitude mais favorável ao ensino do sateré-mawé e português
Professor 3 – Indígena	Atitude mais favorável ao ensino do português
Professor 4 – Não-Indígena	Atitude favorável ao ensino do português

Quadro 5: Atitude linguística dos professores

Constata-se, portanto, uma maior valorização da Língua Portuguesa pelos professores, pois esta é a língua que dizem gostar mais de trabalhar na escola, em detrimento da língua indígena, a qual praticamente não é trabalhada na escola, já que apenas um professor afirma procurar trabalhar “um pouco” da sua língua materna ao lado do português. Os demais professores justificam usar mais o português por conseguir explicar os conteúdos escolares ‘com mais precisão’ nessa língua; além disso, argumentam que as crianças entendem “melhor” também em português.

3.2 Situação sociolinguística dos alunos

Quanto ao repertório linguístico dos alunos indígenas matriculados no Ensino Fundamental I nas quatro escolas pesquisadas, constatou-se que todos têm domínio oral da Língua Portuguesa, mas apenas sete ainda têm a Língua Sateré-Mawé em seu repertório linguístico, ao lado do português. A maioria dos alunos dos professores pesquisados não aprendeu a língua dos pais e é, portanto, monolíngue em português, conforme mostra o quadro abaixo.

Nº de alunos	Nível de mono/bilingüismo	Primeira Língua	Segunda Língua
88	Monolíngues em Português	Português	Sateré-Mawé
07	Bilíngues em Sateré-Mawé/Português	Sateré-Mawé	Português

Quadro 6: Situação sociolinguística dos alunos

Dos 95 alunos que compõem as 4 turmas multisseriadas dos professores do Ensino Fundamental I pesquisados, oitenta e oito alunos têm como primeira língua o português e somente sete a Língua Sateré-Mawé. Os alunos monolíngues em português são naturais das comunidades do rio Waikurapá, cuja perda da língua indígena é quase total na população mais jovem; já os sete alunos bilíngues em sateré-mawé e português são originários de comunidades indígenas da região do rio Marau-Urupadi, que migraram recentemente para região do Waikurapá. Deve-se dizer que na região do rio Marau-Urupadi a língua indígena ainda é falada pela maioria da população.

Pode-se constatar, assim, que os pais e avós das crianças monolíngues em português, nascidas no Waikurapá, não repassaram e não repassam a Língua Sateré-Mawé às crianças desde o nascimento. A não transmissão da língua indígena aos filhos já denota uma atitude de desvalorização de sua língua materna.

Assim sendo, apenas a língua portuguesa é aprendida e usada em todas as situações familiares, escolares e comunitárias.

4. O Ensino de Língua Portuguesa

O ensino de Língua Portuguesa nas escolas indígenas da área indígena sateré-mawé é bastante problemático, já que a situação sociolinguística dos alunos das diferentes comunidades é distinta: existem comunidades com alunos monolíngues em português; monolíngues em sateré-mawé; bilíngues ativos em português e passivos em sateré-mawé e vice-versa. Essas diferentes situações sociolinguísticas requerem métodos diferentes de

ensino-aprendizagem, uma vez que, em algumas comunidades, a primeira língua é o português e, em outras, o sateré-mawé. No entanto, os professores indígenas não recebem nenhuma formação específica para o ensino de línguas na escola, o que os leva a adotarem diferentes estratégias, muitas vezes aquelas com as quais foram alfabetizados e ensinados pelos seus próprios professores.

Conforme exposto acima, a maioria dos alunos do Ensino Fundamental I das escolas do rio Waikurapá pesquisadas têm como primeira língua o português e são monolíngues nessa língua. Essa situação sociolinguística, segundo os professores, seria responsável pela escolha da Língua Portuguesa como a língua usada para ensinar – a língua da escola; a alfabetização em português também seria consequência da situação sociolinguística dos alunos; no entanto, mesmo os alunos que têm como língua materna o sateré-mawé são alfabetizados em português, língua que, segundo os professores, os alunos acham mais fácil e gostam mais. Desse modo, a língua da escola é a Língua Portuguesa, ou seja, é por meio do seu uso que os professores trabalham os conteúdos escolares.

O fato da formação dos professores para o ensino nas séries iniciais ser bastante precária ou mesmo inexistente e de nenhum professor do Ensino Fundamental I ter recebido formação específica, ou seja, ter cursado o Magistério Indígena, e apenas um estar recebendo formação em pedagogia intercultural, leva-os a utilizar, sem questionar, os livros didáticos fornecidos pela Secretaria Municipal de Educação de Parintins como guias que os orientam em suas aulas. A adoção desses livros os conduz a um ensino descontextualizado, já que a maioria dos livros didáticos distribuídos⁷ são produzidos em diferentes regiões do Brasil, principalmente no sudeste, sem levar em conta a realidade do interior do Amazonas, onde estes alunos e professores vivem.

Quanto ao ensino da Língua Portuguesa, este se inicia na alfabetização, já que é nessa língua que os professores pesquisados alfabetizam seus alunos. O método empregado pela maioria dos professores indígenas ainda é o método alfabético, isto é, partem da apresentação do alfabeto aos alunos e, posteriormente, apresentam frases e pequenos textos.

Nas séries mais adiantadas do Ensino Fundamental I, os professores dizem ensinar a Língua Portuguesa a partir de atividades de leitura, realizando as seguintes atividades:

Professor 1 – Indígena	Leitura → Interpretação oral do texto lido → Desenhos
Professor 2 – Indígena	Leitura → Interpretação oral do texto lido → Escrita
Professor 3 – Indígena	Leitura → Interpretação oral do texto lido → Ortografia e gramática
Professor 4 – Não-Indígena	Oralidade (leitura, interpretação) → Escrita → Ilustrações

Quadro 7: Prática de ensino dos professores

Os professores dizem trabalhar primeiramente com leitura de historinhas sobre animais, de lendas e de texto de jornais presentes no livro didático. Em seguida trabalham a interpretação oral desses textos para depois trabalhar a escrita. Alguns passam aos alunos atividades de desenhos e ilustrações relacionadas ao texto lido. Somente um professor, o que está cursando pedagogia intercultural, afirma trabalhar a gramática da língua a partir de texto, de acordo com as dificuldades individuais dos alunos; os demais trabalham a gramática, mas de acordo com o programa de ensino dos diferentes ciclos do ensino fundamental.

Pode-se concluir que o ensino de Língua Portuguesa como primeira língua predomina na região do Waikurapá, já que a maioria dos alunos é monolíngue em português. No entanto, seu ensino se faz de maneira descontextualizada e não se configura como um ensino crítico, o que pode ser verificado pelo fato de seu uso no contexto escolar competir com o uso da

⁷ Os livros didáticos distribuídos aos professores indígenas são os mesmos que os recebidos pelos professores não indígenas. Até o momento, foram produzidos poucos materiais didáticos específicos para o ensino nas escolas indígenas sateré-mawé e os mesmos já não estão mais disponíveis para os professores.

língua indígena e excluí-la quase que por completo deste contexto. A exclusão da língua materna do contexto escolar revela sua desvalorização frente ao português, atitude esta que não se coaduna com um ensino crítico de Língua Portuguesa, o qual também não é compatível com a atitude desfavorável dos alunos em relação à língua de seus pais, o saterémawé.

Referências

DE HEREDIA, Christine. Do bilingüismo ao falar bilíngüe. In: VERMES, G. e J. Boutet (orgs.). **Multilinguismo**. Campinas: UNICAMP, 1989. p.117-219.

RODRIGUES, Aryon D. **A originalidade das línguas Brasileiras**. Laboratório de Línguas Indígenas da Universidade de Brasília, Brasília: 2005. Disponível em <<http://www.portalunb>>. Acesso em maio de 2009.

TEIXEIRA, Pery. (org). **Saterémawé - retrato de um povo indígena**. Manaus: Fundo de População das Nações Unidas para Infância, 2005.